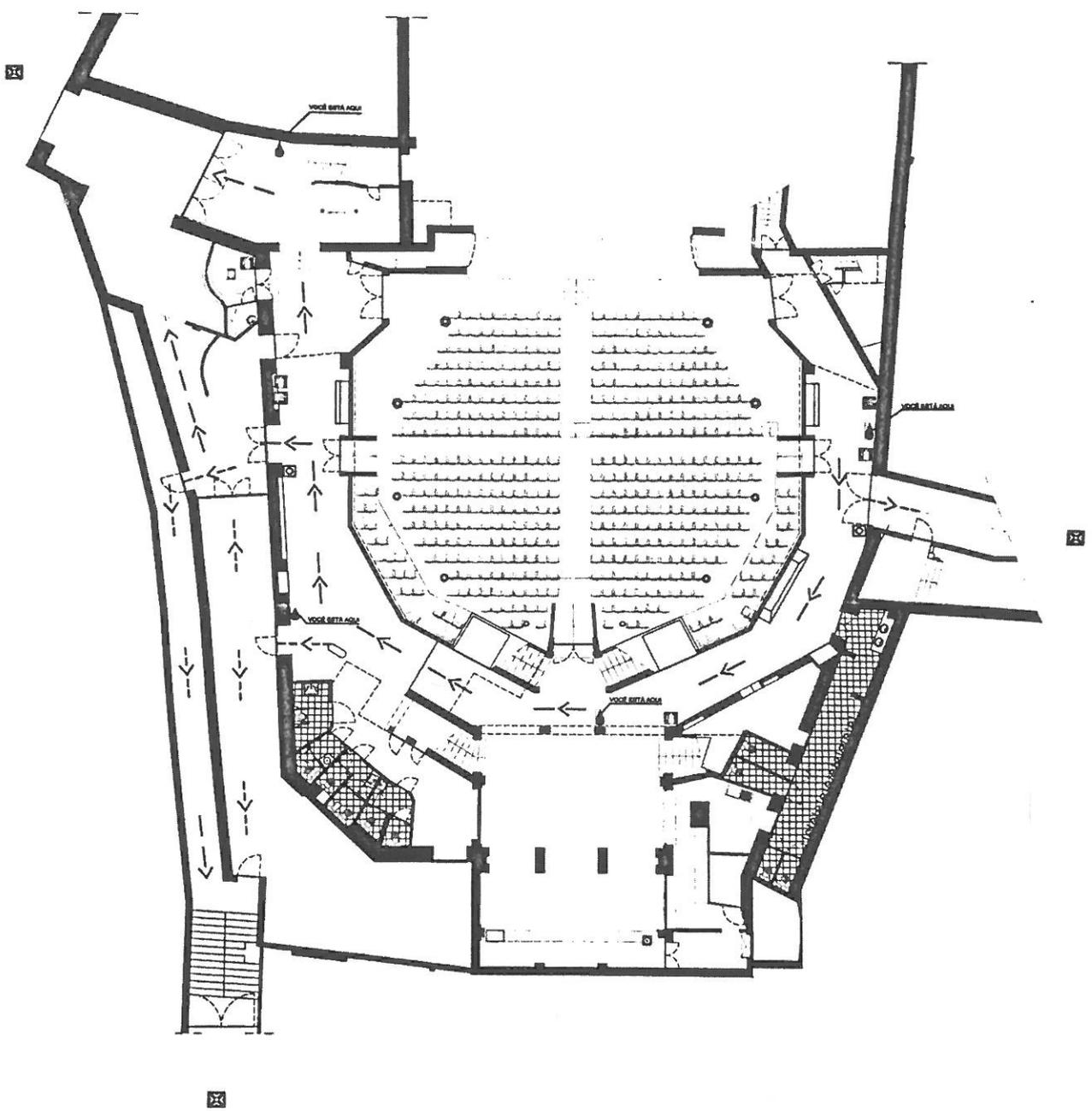


PLANTA DE EMERGÊNCIA

Planta ao Nível da Plateia



INSTRUÇÕES DE SEGURANÇA

EM CASO DE INCÊNDIO:

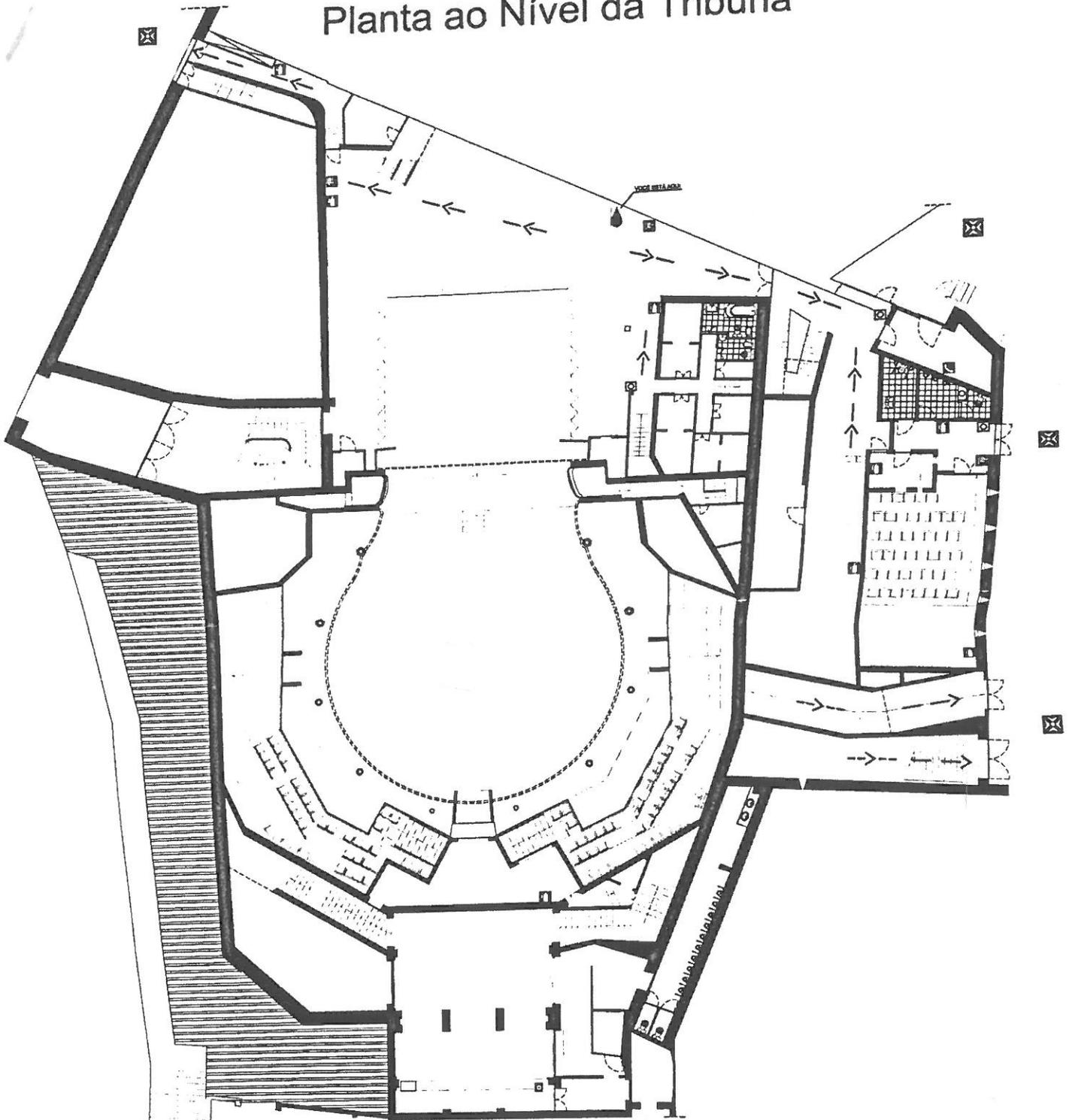
- Mantenha a Calma
- Dê o alarme
- Dirija-se calmamente para a saída pelos percursos assinalados
- Dirija-se para o ponto de reunião
- Siga as instruções do pessoal coordenador da evacuação

LEGENDA

- VOCÊ ESTÁ AQUI	- PAINEL DE INCÊNDIO
- CAMINHO DE EVACUAÇÃO NORMAL	- TELEFONE DE EMERGÊNCIA (112)
- CAMINHO DE EVACUAÇÃO ALTERNATIVO	- SEDIAS
- SAÍDA PARA O ITERRAÍNO	
- PONTO DE REUNIÃO	
- EXTINTOR DE INCÊNDIO	
- BOTÃO DE ALARME	

PLANTA DE EMERGÊNCIA

Planta ao Nível da Tribuna



INSTRUÇÕES DE SEGURANÇA

EM CASO DE INCÊNDIO:

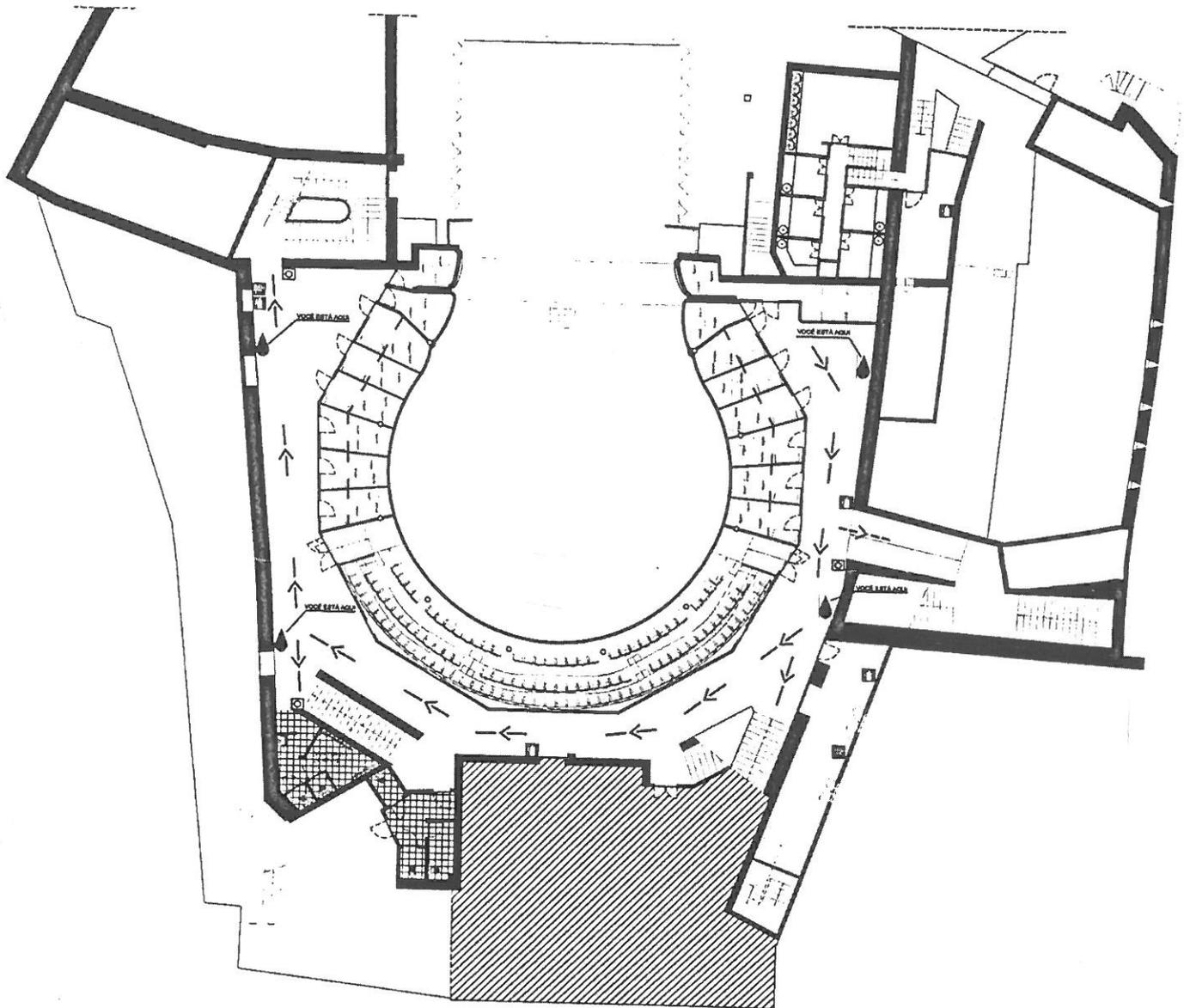
- Mantenha a Calma
- Dê o alarme
- Dirija-se calmamente para a saída pelos percursos assinalados
- Dirija-se para o ponto de reunião
- Siga as instruções do pessoal coordenador de evacuação

LEGENDA

- VOZE ESTA AQUÍ
- CAMINHO DE EVACUAÇÃO NORMAL
- CAMINHO DE EVACUAÇÃO ALTERNATIVO
- SAÍDA PRINCIPAL DE EMERGÊNCIA
- PONTO DE REUNIÃO
- EXTINTOR DE FÓSFORO
- SINAL DE ALARME
- SALA DE PRIMEIROS SOCORROS
- TELEFONE DE EMERGÊNCIA (112)
- SEDEJAS

PLANTA DE EMERGÊNCIA

Planta ao Nível do 1.º Balcão



INSTRUÇÕES DE SEGURANÇA

EM CASO DE INCÊNDIO:

- Mantenha-se Calma
- Dê o alarme
- Dirija-se calmamente para a saída pelos percursos assinalados
- Dirija-se para o ponto de reunião
- Siga as instruções do pessoal coordenador da evacuação

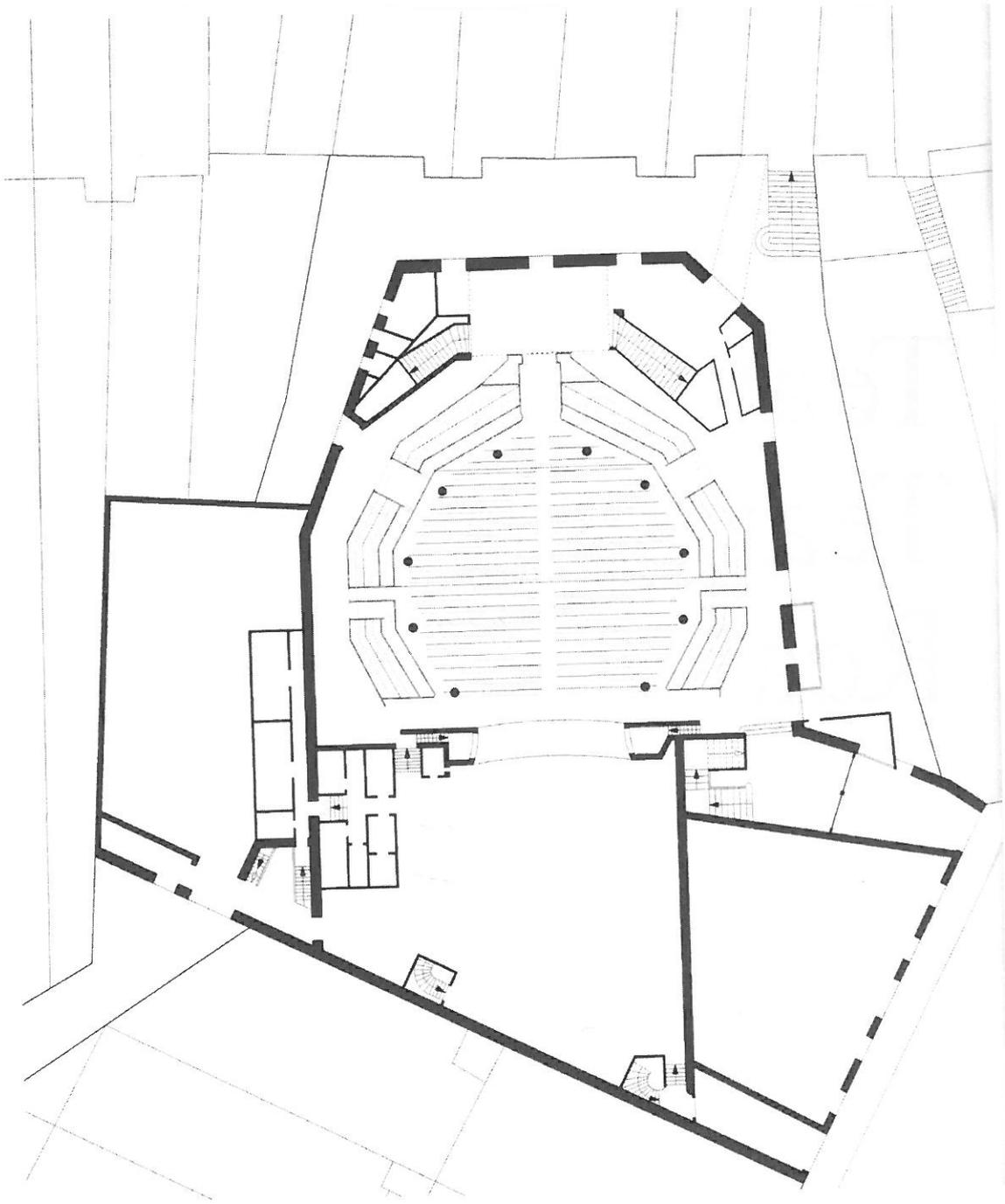
LEGENDA

- | | |
|------------------------------------|--------------------------------|
| - VOCÊ ESTÁ AQUI | - SOGA DE INIBIDOR |
| - CAMINHO DE EVACUAÇÃO NORMAL | - TELEFONE DE EMERGENCIA (112) |
| - CAMINHO DE EVACUAÇÃO ALTERNATIVO | - SEDEADAS |
| - SAÍDA FINAL DE ITINERÁRIO | |
| - PONTO DE REUNIÃO | |
| - EXTINTOR DE INCÊNDIO | |
| - NOTIÇÃO DE ALARME | |

— *Localização* Viela da Neta (actual Rua de Sá da Bandeira) e Rua de Santo António (actual Rua 31 de Janeiro) / *Projecto* Pedro José de Oliveira / *Lotação* c.1770 / *Período de actividade* 1846-1910 / *Nota* No corrente volume é abordada a história do Teatro Príncipe Real até à implantação da República, em 1910

Teatro Circo / Teatro Príncipe Real

Teatro Príncipe Real, Planta do piso térreo (reconstituição do arq.^o Luís Soares Carneiro) L.S.C. →



Em finais do séc. XIX, Firmino Pereira, no *Guia do Forasteiro no Porto e Província do Minho*, refere-se ao Teatro Príncipe Real como sendo “uma das casas de espectáculos mais concorridas” da cidade; e acrescenta que, “sem ser um teatro onde se esteja muito bem, oferece grandes comodidades e é frequentado pelas principais famílias do Porto.”³⁰

Foi em 1846 que o espanhol José Toudon Ferrer Catalon resolveu construir um barracão de madeira a norte da Rua de Santo António, próximo da Viela da Neta, para apresentar habilidades circenses com cavalos. O barracão, que o espanhol baptiza de Teatro Circo, sofre obras de remodelação em 1854, mas quatro anos depois é demolido. A 22 de Março de 1858, dá-se início à construção de um novo circo, agora em pedra, projectado pelo arquitecto Pedro José de Oliveira, obra que ficaria concluída oito meses depois. O “novo” Teatro Circo dispunha de 26 camarotes, 100 lugares de plateia superior e 400 lugares de galerias, num total de 630 espectadores. Segundo conta Henrique Duarte de Sousa Reis, “era o único teatro da cidade onde se permite o uso do charuto e cigarro.”³¹

Quando a Câmara Municipal do Porto decide abrir a Rua Nova de Sá da Bandeira, do lado poente do teatro, eliminando a Viela da Neta, o circo de pedra deu lugar a uma terceira sala de espectáculos com capacidade para 1770 lugares distribuídos por duas frisas à boca de cena, 32 camarotes de primeira ordem, 26 de segunda, 650 cadeiras de plateia, 700 na galeria e 120 nas varandas, de acordo com a descrição publicada no *Jornal da Manhã* de 12 de Março de 1874, data da inauguração do espaço. O novo teatro, a que se chamou Teatro-Circo Príncipe Real, tinha duas portas de entrada: a principal era pela Rua de Santo António (actual 31 de Janeiro), por um túnel arqueado que desembocava numa escadaria de acesso a um pequeno átrio; a secundária fazia-se pela Rua Nova de Sá da Bandeira.

Conta um leitor da revista *O Tripeiro*, em 1909, que a proximidade entre o Príncipe Real e o Baquet fazia com que o público amante dos bailes carnavalescos pudesse frequentar na mesma noite os dois teatros. Bastava, para isso, que alguém, na Rua de Santo António, apregoasse em voz alta «Troca pr’o Baquet!» ou «Troca pr’o Circo!», trocando com qualquer interessado as senhas de saída.

30
Pereira, F., *op. cit.*, Porto: Tip. da Empresa Litorânea e Tipográfica (1895) p.243.

31
Reis, H. D. S., “Teatro do Circo de Santo António”, *M. 1273 – Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da cidade de Porto*, II, 272.

CASAS DA MÚSICA NO PORTO



Planta Topográfica do Porto, Telles Ferreira (1892) A.H.M.P.

Exploraram o teatro vários empresários do Porto ligados aos negócios do tabaco e do algodão, como os comerciantes Freitas e Azevedo e o logista-fanqueiro João Ferreira. Mas várias foram as personalidades ligadas ao mundo artístico que assumiram a direcção do teatro: Luís Faria; a sociedade formada pelo maestro José Cândido e pelos empresários Brandão, Joaquim Ferreira e Lourenço de Magalhães; o maestro Alves Rente; e a sociedade formada pelos actores Afonso Taveira, José Ricardo e Santos.

Eram as zarzuelas, as operetas e as óperas cómicas os espectáculos que preenchiam a maior parte das temporadas do Príncipe Real. Naquela sala foram estreadas várias obras compostas por nomes cimeiros do teatro musicado português. Francisco Alves Rente, que foi empresário do teatro durante seis anos da década de 1880, ali assistiu aos aplausos que o público concedeu às suas obras *A bilha quebrada*, *Se eu fora Rei...*, *A filha do inferno*, *A filha do tambor-mor*, *O rei de ouros* e *As andorinhas*, com as duas primeiras a subirem à cena por 22 e 23 vezes, respectivamente, nas temporadas de 1886-87 e 1889-90. Também o violinista Augusto Marques Pinto aí estreou a ópera cómica *North Bull, o explorador*, em 1887.

Mas foi durante a gestão do actor Afonso Taveira, na década de 90, que o Príncipe Real viveu as suas maiores noites de glória, momentos áureos do teatro português. A estreia da opereta *O burro do Sr. Alcaide*, cuja música pertence a Ciríaco de Cardoso e os textos a Gervásio Lobato e D. João da Câmara, na noite de 8 de Setembro de 1892, alcançou um êxito absolutamente extraordinário. O compositor, que viera de Lisboa propositadamente para reger a orquestra, foi aclamado por um público em êxtase que encheu o teatro e o continuou a lotar nas 35 representações que a peça teve naquela temporada. Igual sucesso se verificou com outra opereta de Ciríaco de Cardoso, *O solar dos Barrigas*, cuja primeira réeita ocorreu a 25 de Novembro do ano seguinte. Mas, apesar de o coro dos foguetes *Est, fit, fit, pó, pó, pó* ter sido trauteado nas ruas do Porto durante todo o Inverno de 1893, esta opereta havia de ficar na memória dos portuenses por outra razão bem mais triste: quando numa das réeitas interpretava o papel de Agapito Solene, o actor Dias falece repentinamente em palco.



O burro do Sr. Alcaide, Ciríaco de Cardoso (versão para orquestra)
E.M.M.M.I.C.



Reproduções de anúncios. *O Tripeiro* (pub. 1947 e 1986) A.O.T.

Na Primavera de 1892, estreia-se no Príncipe Real uma artista americana, de sua graça Geraldine. Para além de trapezista, cantora e atradora ao alvo, Geraldine era ainda uma mulher dotada de “formas gentis, esculturais; olhos cheios de luz e de dulcíssimo encanto; sorriso angélico e, acariciador, cheio de seduções; lábios ideais; dentes semelhante dois fios de gentilíssimas pedras...”³² Depois de ler esta descrição, não é difícil imaginar o *frisson* que a artista americana causou na mocidade frequentadora do teatro.

Em Novembro de 1895, o Príncipe Real teve o privilégio de apresentar ao público portuense a grande senhora do teatro francês, Sarah Bernhardt. A actriz protagonizou as peças *A dama das camélias* e *Fedora*, num conjunto de récitas que constituiu um enorme sucesso.

Outro dos grandes acontecimentos musicais do Teatro Príncipe Real teve lugar em 1882, quando a *Sociedade de Concertos Austríacos*, formada pelo violinista Emile Sauret, pelo pianista Karl Stasny e pelo violoncelista David Popper, acompanhada pelo Quarteto Austríaco, ali se apresenta em

32 Bonito, R., “O Porto há 55 anos. Ópera, Zarzuela e Cavalinhos, Mágicas e Dramulhões. *El-rei Danado* contra *El-rey que rabió*”, *O Tripeiro*, nº 9, ano 11, 5ª série (01/1947) p. 202.



Folhetos promocionais do Teatro Príncipe Real (1910) C.H.M.S.

Coube ainda ao Príncipe Real a honra e o privilégio de acolher aquela que se julga ter sido a primeira sessão de cinema português. Aurélio da Paz dos Reis apresentou, a 12 de Novembro de 1896, o seu “Kinetographo portuguez”, com o qual projectou um conjunto de curtas-metragens que retratavam cenas quotidianas passadas no Porto e noutras terras de Portugal. O público acolheu o evento com relativo entusiasmo, dado que, no Verão desse ano, um tal Francisco Pinto Moreira e o operador estrangeiro Edwin Rousby haviam já apresentado, naquele teatro, sessões de cinema. Todavia, os filmes de Aurélio da Paz dos Reis que mostravam o jogo do pau, a chegada do “americano” a Cadouços e a saída dos operários da fábrica Confiança mereceram especial atenção dos espectadores cinéfilos por retratarem cenas do quotidiano portuense que lhes eram familiares.

Com o advento da República em 1910, o Teatro Príncipe Real adopta o nome da rua para onde passa a ter a fachada principal, e passa a chamar-se Teatro Sá da Bandeira. No segundo volume deste livro será contada a história mais recente do teatro.

— *Localização: Rua de Sá da Bandeira, 108 / Proprietários actuais Herdeiros de Laura Júlia Vilar Cardoso / Lotação 1100 lugares / Período de actividade desde 1910*⁸³

Teatro Sá da Bandeira

⁸³ O antigo Teatro Príncipe Real, cuja história se relatou no primeiro volume de *Casas da Música no Porto*, mudou de nome para Teatro Sá da Bandeira em 1910, após a implantação da República.

⁸⁴ Arquivo do Teatro Sá da Bandeira. Escritura de arrendamento.

No dia 18 de Maio de 1916, José Nunes da Ponte, na qualidade de curador de Laura Júlia Vilar Cardoso, renova o contrato de arrendamento do Teatro Sá da Bandeira com António Pimenta da Fonseca e Arnaldo Moreira da Rocha Brito por uma renda anual de 6.450\$00.⁸⁴ Este contrato havia sido celebrado pela primeira vez no dia 9 de Abril de 1910, ano em que o teatro, que desde 1874 respondia pelo nome de Teatro Circo Príncipe Real e cuja história foi contada no primeiro volume de *Casas da Música no Porto*, passou a adoptar o nome da rua que ostentava a sua fachada principal, a Rua de Sá da Bandeira.



Programas, C.M.S.C.

Foram exitosos os primeiros anos de actividade desta sala de espectáculos logo após a instauração da República. “O público é caprichoso. Habitou-se a correr para aquele teatro e quer sejam as peças excelentes ou detestáveis, irpreen-sivelmente desempenhadas ou do mais mediocre relevo cénico - as enchentes têm-se contado pelas representações. As casas estão vendidas com muitos dias de antec-dência (...)”⁸⁵, escreve Ernesto Maia, em 1913. A programação continuava a assentar, basicamente, nas operetas, óperas cómicas e zarzuelas, na senda do que já acontecia em finais do séc. XIX. Mas, a partir de 1910, mercê do incêndio que destruiu o S. João dois anos antes, as temporadas de ópera deslocam-se, agora, para o Sá da Bandeira, para o Palácio de Cristal e para o Águia d’Ouro.

A imprensa coeva dá conta de várias produções operáticas na primeira década da centúria de Novecentos cantadas por intérpretes portugueses: *La Bobéme*, de Pucini, *Rigoletto*, de Verdi, *Malbrouk*, de Leoncavallo. Em 1914, por exemplo, o barítono algarvio Alfredo Mascarenhas, que viria posteriormente a realizar uma carreira internacional interessante, canta o papel principal no *Rigoletto*, ópera em que se estreia Emília Rodrigues, uma discípula da professora Carolina Palhares. Uma placa cravada na parede do corredor de acesso à plateia, datada de 1970 e assinada pelos ‘Amigos do Porto’, assinala a subida à cena da ópera *D. Mécia*, de Óscar da Silva, em 27 de Fevereiro de 1916. Quando o Presidente Sidónio Pais visita o Porto e o norte do país em 1918, é organizada uma récita de gala no Sá da Bandeira, na noite de 12 de Janeiro. Decorria o 1.º acto da opereta *Susi* quando o

85

Arte Musical, 31 de Maio de 1913.



Anúncios, C.M.M.

Chefe de Estado entra no teatro. “A representação foi logo suspensa, houve aclamação durante 15 minutos e o dr. Sidónio Pais de pé, inclinado sobre o parapeito, conservou um irrepreensível garbo militar”, escreve *O Primeiro de Janeiro*.⁸⁶

Nos anos 20, várias companhias de opereta actuam no teatro. A companhia italiana de Léa Candini apresentou-se ali em várias temporadas, levando à cena operetas de Robert Stoltz e Franz Léhar que muito agradavam ao público. Na década de 1930, a Companhia Portuguesa de Ópera Lirica, dirigida pelo compositor Pedro Blanch, vem ao Porto interpretar o *Rigoletto*, de Verdi, e as óperas de Puccini, *Madama Butterfly* e *Tosca*. Os cenários eram do Teatro de S. Carlos e o elenco incluía os cantores Tomás Alcaide, Laura Tágide Tavares, Fernanda Corte Real, Violante Montanha, Fernanda Coelho, Luís Macieira, António Pratti, Pita Simões e Carlos Orrico.

Mas a arte de representar esteve bem presente nesta sala de espetáculos, com nomes cimeiros do teatro português a pisarem o seu palco. José Gomes Bandeira afirma que “marcaram uma época” as peças da dupla Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa protagonizadas por Adelina e Aura Abranches, as cabeças de cartaz da companhia em 1912.⁸⁷ Um momento triste foi vivido no teatro no dia 8 de Novembro de 1916, quando o actor e empresário Afonso Taveira, que tantas noites de glória viveu na Cidade Invicta, faleceu fulminado por uma síncope cardíaca durante o ensaio da revista *Dia de Juízo*, que deveria estrear no dia seguinte. A Companhia de Maria Matos - Mendonça de Carvalho, com a actriz lisboeta como cabeça de cartaz,

86

O Primeiro de Janeiro (13/01/1918), Silva, A. M., *Sidónio e Sidonismo: História de um caso político*. Coimbra: Imprensa da Universidade, vol.2 (2006) pp.68-69.

87

Bandeira, J. G., “Sá da Bandeira”, *Jornal de Notícias*, 1 de Junho de 2001.



Programa, C.M.M.A.

esteve no Porto em 1925 e 1926. Também o grande actor Chaby Pinheiro marcou presença no teatro portuense em Maio e Junho de 1926, integrado na *tournée* da Sociedade Artística do Teatro Nacional Almeida Garrett. No ano seguinte, foi Palmira Bastos quem pisou o palco do Sá da Bandeira com a Companhia de Óscar Ribeiro. O antigo Teatro do Príncipe Real pode, ainda, orgulhar-se de ostentar no seu historial a presença da Companhia Amélia Rey Colaço - Robles Monteiro que, nos meses de Fevereiro e Março de 1928, ali representou as peças *Minha noiva mulher d'outro*, de António Portalegre, *Segredo*, de H. Bernstein, e *Primerose*, de Gaston de Caillaret e R. de Flers.

Apesar da propensão natural do Teatro Sá da Bandeira para os espectáculos teatrais, nem por isso a música clássica abandona a sua programação. Nos anos 50, a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto⁸⁸ realizou ali algumas séries de concertos. Dos quatro Concertos

88

Ver a história da sua fundação, p.123.



Anúncios, C.M.M.

Chefe de Estado entra no teatro. “A representação foi logo suspensa, houve aclamação durante 15 minutos e o dr. Sidónio Pais de pé, inclinado sobre o parapeito, conservou um irrepreensível garbo militar”, escreve *O Primeiro de Janeiro*.⁸⁶

Nos anos 20, várias companhias de opereta actuam no teatro. A companhia italiana de Léa Candini apresentou-se ali em várias temporadas, levando à cena operetas de Robert Stoltz e Franz Lehár que muito agradavam ao público. Na década de 1930, a Companhia Portuguesa de Ópera Lírica, dirigida pelo compositor Pedro Blanch, vem ao Porto interpretar o *Rigoletto*, de Verdi, e as óperas de Pucini, *Madama Butterfly* e *Tosca*. Os cenários eram do Teatro de S. Carlos e o elenco incluía os cantores Tomás Alcaide, Laura Tágide Tavares, Fernanda Corte Real, Violante Montanha, Fernanda Coelho, Luís Macieira, António Pratti, Pita Simões e Carlos Orrico.

Mas a arte de representar esteve bem presente nesta sala de espectáculos, com nomes cimeiros do teatro português a pisarem o seu palco. José Gomes Bandeira afirma que “marcaram uma época” as peças da dupla Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa protagonizadas por Adelina e Aura Abranches, as cabeças de cartaz da companhia em 1912.⁸⁷ Um momento triste foi vivido no teatro no dia 8 de Novembro de 1916, quando o actor e empresário Afonso Taveira, que tantas noites de glória viveu na Cidade Invicta, faleceu fulminado por uma síncope cardíaca durante o ensaio da revista *Dia de Juízo*, que deveria estrear no dia seguinte. A Companhia de Maria Matos - Mendonça de Carvalho, com a actriz lisboeta como cabeça de cartaz,

86

O Primeiro de Janeiro (13/01/1918), Silva, A. M., *Sidónio e Sidonismo: História de um caso político*. Coimbra: Imprensa da Universidade, vol.2 (2006) pp.68-69.

87

Bandeira, J. G., “Sá da Bandeira”. *Jornal de Notícias*, 1 de Junho de 2001.

AMEIA
245
ELEGANTES
514
PURO
FIBRA DE ESCÓCIA
14/90

A MEIA D'OURO
Rua Santa Catarina, 45
PORTO — TELEFONO, 4565



LUIS SOUSA RIBEIRO
CABELEIROS DE SENHORAS
R. 31 de Janeiro — PORTO
TELEFONO, 1189

FOTOGRAFIA
BELEZA
RETRATOS
D'ARTE

Cuidando da sua alimentação
não discure a dos seus filhos,
preferindo o

LEITE DA QUINTA DO PAÇO

Deposito geral: Praça G. G. Fernandes, 53 — PORTO Tel. 4303

Companhia Portuguesa de Opera Lyrica

Sob a direcção do maestro PEDRO BLANCH e da qual faz parte
o grande Tenor Portuguez TOMAZ ALCAIDE

Domingo, 6 de Julho-1930 — 2.ª Recita de Assinatura
Com a Opera em 3 actos do maestro GIACOMO PUCCINI

Madame Butterfly

DISTRIBUIÇÃO

Madame Butterfly	Fernanda Corte Real
Suzuki	Fernanda Coelho
Kitty Pinkerton	Maria do Ceo
Dr. F. Pinkerton	Tomaz Alcide
Scharpluss	Luz Mouteira
Goro	Antonio Prati
Tiu Barray	Fra Semper
Principe Yamadori	Daniel Coimbra
Comissario Imperial	

Parentes, Amigos, Cercados, etc. — Corpo Coral

Boa gravação
e execução
desta opera
só encontra V.
Ex.ª em discos



Agentes Geraes:
GALERIA DAS
NOVIORDES, L.ª
Rua 24 de Setembro, 293
PORTO — Telef. 4205

MODELOS E COPIAS

Das melhores casas parisienses



Completos cortidos em 24 horas e Montados
O CASO PREFERIDO PELA SOCIEDADE ELEGANTE

Ourivesaria
do Porto

As melhores joias
O maior sortido de pratas
Milhares de objectos de Ouro
PREÇOS BARATISSIMOS

43, Rua Sampaio Bruno, 45 — PORTO
(Ao lado do Hotel Aliança — Telef. 2604)

Populares dirigidos por Frederico de Freitas, em 1953, ficará na história dos anais do teatro o de 7 de Agosto, por ter sido tocada em primeira audição mundial a obra *Sinfonia per orchestra*, de Fernando Lopes-Graça. Em matéria de estreias, assinala-se, ainda, a primeira audição no Porto da *Partita* para orquestra de câmara, de Francine Benoit, no concerto de 14 de Agosto. A mesma orquestra, em colaboração com a Emissora Nacional de Radiodifusão, leva a cabo, entre 1958 e 59, dois ciclos de concertos a que chama *Concertos Culturais para a Juventude*, realizados aos domingos de manhã, com direcção do maestro Silva Pereira. O primeiro ciclo teve como comentadores, para além do próprio maestro, Reinaldo dos Santos, Hugo Rocha e Fernando Correia de Oliveira. O segundo conjunto de oito concertos foi comentado por Helena Sá e Costa, Rebelo Bonito, Reinaldo dos Santos, Maria Teresa Macedo, César de Moraes e Valdez dos Santos. Foram solistas as pianistas Maria José Moraes e Manuela Gouveia, com 9 e 12 anos de idade, respectivamente, e a violoncelista Isabel Delerue, com 13 anos.



Ópera *Bastien und Bastienne* (1962)
J.M.P.

O reinado de Vasco Morgado

Em 1961, o empresário Vasco Morgado assumiu a exploração do Sá da Bandeira, com quem já trabalhava desde a década de 50. A sala de espectáculos voltou a viver momentos áureos na comédia e no teatro musicado. Mas, no Porto, era muito raro estrear espectáculos. Não havia público suficiente para aguentar “uma montagem”, afirma Manuel João Ribeiro, actual gerente do teatro. As peças eram estreadas em Lisboa, ficavam lá durante aproximadamente um ano, e só depois vinham ao Porto. Uma das raras excepções a esta fórmula de sucesso foi a peça *Daqui fala o morto*, com Laura Alves e Vasco Santana, que estreou no Sá da Bandeira em 1956, onde esteve em cartaz durante uma semana. Foi para Lisboa, para o Teatro Monumental, e, passados alguns meses, regressou à cidade nortenha, mas... ao Teatro Águia d’Ouro. Segundo Manuel João Ribeiro, a troca de teatros ficou a dever-se a uma valente zanga entre Vasco Morgado e Rocha Brito. A peça *Boa noite Betina*, que subiu à cena em 61, e a versão portuguesa do drama *O Comprador de boras*, da autoria do brasileiro Dias Gomes, com Paulo Renato e Rui de Carvalho, foram outros dos grandes êxitos da época em que o marido da Laura Alves geria o teatro.

Um dos momentos de maior *frisson* vividos no teatro da Baixa portuense aconteceu nos anos 60, num espectáculo onde participou o cantor José Afonso. Naquela altura, o Zeca Afonso, como era conhecido, era um músico que estava conotado com ideologias de esquerda, contrárias às do regime salazarista. Era, por isso, muito difícil que a censura autorizasse uma sua actuação em público. Esta história foi vivida na primeira pessoa por Manuel João Ribeiro:

Os estudantes vêm ter comigo e dizem-me que querem marcar o Sá da Bandeira para um espectáculo onde, entre outros, vem actuar o Zeca Afonso. De imediato repliquei: - Eh pá, nem pensem nisso! Mas, como conhecia bem o Delegado dos espectáculos aqui no Porto, o Dr. Castelo Branco, fui falar com ele e expliquei-lhe a situação. Disse-me para mandar os estudantes falar com eles na véspera do espectáculo, munidos das letras das canções que o Zeca Afonso ia cantar, porque o Secretário de Estado vinha ao Porto nesse dia e podia ser que autorizasse, por ser uma organização estudantil. Assim foi! Os estudantes falaram com o membro do Governo, que anuiu, desde que fossem cantados apenas os temas que ele seleccionou. Na noite do espectáculo, o Dr. Castelo Branco disse-me: - Manuel João, o senhor vai ficar aqui ao pé de mim.



Cartazes promocionais, E.T.S.B.

A transição do séc. XX para o séc. XXI tenta injectar 'sangue novo' ao teatro da Baixa. Em Junho de 1991, a Sociedade formada por Vasco Morgado Júnior e Manuel João Ribeiro, que geria o Sá da Bandeira, solicita à Secretaria de Estado da Cultura a concessão de um subsídio no montante de cerca de 200 mil euros (40.000 contos na moeda antiga) para a realização de obras de renovação e conservação do teatro. O pedido foi indeferido a 11 de Setembro desse ano, com a justificação a recair na necessidade de realizar um estudo mais vasto relativo à rede de equipamentos culturais da cidade do Porto. Nos anos 90, um concerto dos The Young Gods ficou na memória daqueles que encheram a sala. O Remix Ensemble, sob a direcção de Stefan Asbury realiza dois concertos no teatro do Porto em 2002. O primeiro deles, subordinado ao tema *Música para filmes*, acolhe a estreia mundial da obra *Erupção - Suite para catorze instrumentistas e manipulação de imagens*, de Luís Bragança Gil, encomendada pela Porto 2001. No segundo, que contou com a participação da Orquestra de Jazz de Matosinhos, do trompetista Guy Barker e do saxofonista João Figueiredo, foram interpretadas obras de Pedro Guedes, Carlos Azevedo, Edgard Varèse e Miles Davis. No ano seguinte, o grupo de música contemporânea apresentou o espectáculo *Tango!*, que, como o título indica, foi totalmente dedicado ao



Teatro Sá da Bandeira, plateia (1962) J.M.P.

porque está cá a PIDE⁸⁹ e a gente não sabe quem são! O espectáculo começa, o Zeca Afonso actua, mas canta duas cantigas a mais em relação às que tinham sido autorizadas. A certa altura, um dos elementos da PIDE sobe ao palco, identifica-se ao Delegado e exclama: - Ou o Zeca Afonso termina de cantar ou o espectáculo acaba de vez! Não há mais espectáculo! Chamado aos bastidores, o cantor afirma: - Peço desculpa. Eu vou terminar! Não canto mais nada! E o espectáculo acabou de forma ordeira.⁹⁰

Os difíceis anos do pós 25 de Abril

A revolução do 25 de Abril de 1974 faz decair a popularidade do teatro de revista e da comédia, e o Sá da Bandeira ressentia-se disso. A partir de 1975, e durante cerca de dez anos, passa a exhibir cinema, mas um cinema 'alternativo', uma vez que são filmes pornográficos que enchem o cartaz cinematográfico da sala. Ainda assim, um grande espectáculo de variedades intitulado *Noite de Portugal*, em 1977, em que participaram vários cantores e actores portugueses, terminou com uma grande actuação de Amália Rodrigues, aplaudida de forma apoteótica. Nos anos 80, o Sá da Bandeira regressa ao teatro e à música ligeira. Rita Ribeiro interpreta a peça *O Processo de Jesus*, de Diego Fabri, com a Companhia do Teatro da Trindade, de Lisboa. A produtora Mundo da Canção apresenta o álbum *Cavaquinho*, de Júlio Pereira, e os cantores Tânia Maria e Johnny Copland.

89

Polícia de Intervenção e Defesa do Estado – a polícia política do regime de Salazar.

90

Testemunho pessoal.



Peaches no Teatro Sá da Bandeira (2003) f. Paulo Pimenta

género musical sul-americano que Carlos Gardel popularizou e ao qual Astor Piazzolla deu um toque de erudição.

Desde 2000 que várias produtoras exploram o teatro, ainda que de forma esporádica e não continuada. A Portoeventos e a Famous Produções, só para citar duas delas, conferiram ao Sá da Bandeira uma programação mais voltada para a área musical, concretamente para a chamada música alternativa com concertos dos Moonspell, dos Daemonia, de Ray Anderson, entre outros. Também o Festival Blue Spot, que entre 1998 e 2004 se realizou no Porto, trouxe àquela sala de espectáculos nomes cimeiros do rock – os irmãos Dewaele, as Queens of Noize e os X-Wife –, da electrónica e do jazz, com Rainer Trüby, Nicola Conte, 1-Uik Project, U-M feat e Peaches.